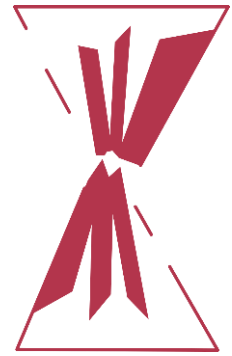


Editorial v. 8, n. 1
*História em tempos de suspeição
do conhecimento científico*



O desprezo da verdade histórica patenteou-se em toda a parte. Digo em toda a parte porque os exemplos que vêm espontaneamente ao espírito são os dos Estados totalitários [...] Mas as democracias ocidentais não estão isentas de mácula. Basta pensar no recurso a calúnias incontroladas, por parte dos ‘caçadores de bruxas’, nos Estados Unidos, ou, entre nós, nas mentiras balbuciantes que são os ‘desmentidos oficiais’ dos nossos ministros. O recurso a eles tornou-se tão normal que acabamos por ver nisso uma mera figura de retórica e uma praxe! Nesse mundo transtornado, que lugar resta para a História? Não passa de um jogo de máscaras no armazém dos acessórios dos comediantes da Propaganda. Podemos-nos dar por felizes quando eles não vão ao ponto de fabricar integralmente uma história que sabem que é falsa. Na melhor das hipóteses, vêm no conhecimento do passado um repertório de incidentes pitorescos, de paralelos ou de precedentes úteis a invocar. (MARROU, 1975, p. 11-12).

[...] apesar da relevância das novas formas de comunicação, o meio mais eficaz de disseminação continua sendo o antigo, ou seja, o encontro com as pessoas. Argumentou-se que ‘a transferência de conhecimento realmente valioso de um país para outro ou de uma instituição para outra não pode ser facilmente obtida pelo transporte de cartas, periódicos e livros: ela requer o movimento físico dos seres humanos’. Em suma, ‘as ideias circulam por aí dentro das pessoas’. (BURKE, 2016, p. 114).

A *Faces da História* tem o imenso prazer de tornar público mais um número, não sem lançar aos seus leitores, de saída, uma questão para refletir: qual o lugar reservado ao conhecimento histórico em nossos dias? Embora não tenhamos resposta imediata e muito menos definitiva para a pergunta, nossa pretensão é compartilhar a dúvida que nos inquieta. Os artigos aqui publicados são prova de que pretendemos lançar pistas para instigar o debate e ajudar a encontrar possível solução sobre tema tão urgente o que, em mesmo nível de necessidade, se relaciona aos dez textos do dossiê deste volume, qual seja, *História Ambiental do Brasil Republicano: políticas ambientais, historiografias e*

mundo natural, que conta com uma apresentação sobre o assunto. Este número também apresenta sete manuscritos na Seção de Artigos Livres, um texto nas Notas de Pesquisa, seção inaugurada no número anterior (v. 7, n. 2) e que é destinada exclusivamente a graduandos e graduados, além de uma resenha e uma homenagem ao historiador francês Marc Ferro (*in memoriam*).

Os sete textos da seção de Artigos Livres estão organizados por afinidades temáticas, a saber, dois sobre as questões indígenas no período colonial; três trabalhos que se valem da imprensa para suas análises e dois artigos que destacam problemas do campo político em suas reflexões. Em complemento, os autores e autoras aprofundam qualitativamente suas discussões ao apresentar seus posicionamentos teóricos e revisitar as historiografias que dialogam com os seus objetos, o que orienta didaticamente o público leitor no entendimento desses debates.

A abertura desta seção se dá pela contribuição de Paulo Robério Ferreira Silva com o trabalho intitulado *A guerra esquecida: os Anaió e os colonizadores na Guerra dos Bárbaros, no Sertão do Rio São Francisco, entre 1684 e 1688*. O autor nos apresenta um conflito que permaneceu esquecido até o começo do século XXI. Nele podemos ver a resistência dos nativos *Anaió* em guerra contra o governo colonial brasileiro, fato que resultou no violento extermínio de milhares de vidas. Por meio de uma revisão sobre a Guerra dos Bárbaros (1651-1720), Silva nos demonstra os argumentos para tal esquecimento e realiza análise sobre as possíveis motivações desse confronto, além de refletir sobre as contribuições desses povos para a construção da nossa cultura nacional – ainda em formação –, mesmo à custa de tamanha violência colonial.

Laura Oeste, em *Lugares sociais das mulheres e das famílias indígenas na região platina (século XVIII)*, destaca a participação das mulheres indígenas, em resistência aos violentos processos de aprisionamento por agentes coloniais espanhóis. As várias questões levantadas pela autora dizem respeito ao que se dava com as mulheres capturadas por colonos e como esses aprisionamentos influenciavam os grupos familiares, os discursos dos agentes coloniais e quais as estratégias utilizadas pelos indígenas para enfrentar a situação de violência.

Ao adentrar os trabalhos sobre imprensa, em *Sociabilidades e discursos na configuração social do Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1907-1921*, Isaias Holowate apresenta o processo de formação de um periódico paranaense, idealizado pelo comerciante Jacob Holzmann e pelo jornalista Hugo dos Reis. O autor analisa as redes de sociabilidades presentes em Ponta Grossa e promovidas em torno do jornal, a interação entre seus membros, os debates e ideias que mobilizaram o público local. Por meio da narrativa do pesquisador, acompanhamos as transformações que se deram entre 1907 e

1921, principalmente na organização da configuração social do periódico, fato que garantiu a permanência e a consolidação editorial no período analisado.

A imprensa pedagógica enquanto possibilidade de pesquisa para historiadoras e historiadores da educação é analisada no artigo de Elisângela Cândido da Silva e José Edimar Souza. *Em busca do Ruralismo em Caxias do Sul/RS nas páginas do “Despertar” (1947-1954)* nos mostra a adoção de orientações pedagógicas para a educação em Caxias do Sul, por meio da circulação deste impresso periódico. Conforme os autores, o *Despertar* cumpriu uma função estratégica na difusão de informações importantes para as pessoas que viviam no campo, além de valorizar a identidade rural. Essas iniciativas, promovidas pela Diretoria de Instrução Pública da cidade, também contribuíram para a condução institucional de práticas escolares, influenciadas pelo que se configurou por Ruralismo Pedagógico.

Kézia Almeida e Jaison Castro Silva em *Um breve estudo sobre Arnaldo Albuquerque e a História em Quadrinhos Carcará* analisam a importância do artista piauiense, principalmente por meio da sua atuação como quadrinista. A revista *Humor Sangrento*, de 1977, obra pioneira no estado, foi escolhida pelos autores para destacar o perfil crítico e transgressor de Albuquerque durante o regime militar. Nela encontramos a HQ *Carcará* de sua autoria, trabalho que reúne elementos de referência à cultura regional do nordeste do país, fato que, segundo os autores, organiza a formação de uma identidade piauiense. Como um estímulo a futuras pesquisas com o uso de HQs, o público leitor é convidado a participar da interpretação do material analisado a fim de pensar em novos trabalhos, que podem surgir a partir dessa expansão das possibilidades desse campo historiográfico.

Finalizando a seção com as temáticas do campo político, em *Autoritarismo e Centralização: a proposta de federação nacional do anteprojeto da Comissão do Itamaraty* encontramos os debates acerca da elaboração da proposta constitucional no Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1934). O texto de autoria de Leandro Ribeiro Tonete analisa o anteprojeto – uma espécie de documento guia – que organizou os trabalhos da Assembleia Constitucional. O autor identifica as tensões entre os membros da comissão na adoção do modelo federativo, fato que inibiu a concentração de poder em detrimento de maior autonomia local. Contudo, o seu destaque está nas propostas de fortalecimento do Poder Executivo, promovida por agentes alinhados à política varguista.

Por fim, em *A Guerra Civil Grega (1943-1949): historiografia através da história*, Felipe Alexandre Silva de Souza nos conduz por um tema timidamente abordado em nossa historiografia. O autor apresenta o embate armado conduzido pelo Partido Comunista Grego (KKE) contra o governo oficial, uma monarquia com o apoio de países

como a Grã-Bretanha e os EUA. Sua contribuição consiste em apresentar ao público leitor as nuances do conflito, suas divisões internas, bem como uma revisão com as principais interpretações sobre o ocorrido, dividida em três correntes: as vertentes tradicionalista, revisionista e pós-revisionista. No alvorecer da Guerra Fria, vemos a presença de interesses geopolíticos externos e a divisão em três fases da guerra civil que perduraram até a rendição dos comunistas em 1949.

Na seção Notas de Pesquisa, encontramos o trabalho de Caio Murilo Pereira intitulado *A igreja, o Estado e o Monumento: algumas considerações sobre as festividades de inauguração do Cristo Redentor no Rio de Janeiro (1931)*. Nele o autor analisa duas capas do jornal *O Globo*, que noticiaram o importante evento na cidade carioca. O autor destaca a função do monumento na comunicação de uma mensagem católica ao país, frente aos efeitos da laicidade proposta pela Constituição de 1891. Nesse sentido, a imagem do Cristo assumiu a ideia de um bem comum para a sociedade brasileira, o que colaborou para o reposicionamento político da instituição religiosa.

Na seção Resenhas, vemos a apresentação da obra *Mastodontes: a história da fábrica e a construção do mundo moderno* do historiador estadunidense Joshua Freeman. O trabalho, de autoria de Vinicius Patrocínio Pereira Costa e intitulado *A Fábrica como instituição da Modernidade*, ressalta a abordagem central do livro resenhado, qual seja, o impacto social da instituição fabril no mundo moderno. De proporções mastodônticas, isto é, gigantescas, vemos a persistência dessas estruturas em nosso presente, com os seus reiterados problemas.

Na conclusão do número, encontramos uma bela homenagem ao historiador francês Marc Ferro (1924-2021), que faleceu no mês de abril deste ano. O texto detalhado escrito respeitosamente pelo professor Paulo Cesar Gonçalves (PPG-História/Unesp), além de nos apresentar o sentimento de perda deste reconhecido historiador, nos convida a percorrer a produção de Ferro, realizada ao longo de conturbado momento histórico, o século XX. Paulo Gonçalves nos conduz por momentos importantes da biografia do homenageado, além de nos colocar em diálogo com o seu pensamento e principais escritos, o que bem demonstra seu legado à História.

Os trabalhos que integram as seções de Artigos Livres, Notas de Pesquisa e Resenha reafirmam a orientação editorial da revista na divulgação de ampla variedade de temas. Ao longo de oito anos de atividades, vemos que essa preocupação interdisciplinar permanece e se fortalece a cada exemplar publicado, em que podemos encontrar diálogos oriundos não apenas da História, mas do campo das Ciências Humanas. Os textos apresentados ao público demonstram a vitalidade da nossa historiografia em âmbito nacional, pois divulgam o conhecimento histórico especializado, o que muito

contribui para a sociedade. Outro ponto de destaque consiste no fato de recebermos para avaliação trabalhos em diversos estágios de desenvolvimento na Pós-graduação e Graduação, fato que contribui para a construção de um espaço diversificado de experiências acadêmicas.

Os textos publicados na *Faces da História* reforçam a busca por um trabalho historiográfico respeitável, de forma a enfrentar os ataques que a História vem recebendo desde os tempos de Henri Marrou, cujo livro, citado anteriormente, foi publicado na França pela primeira vez em 1959, portanto, no cenário do pós Segunda Guerra, conjuntura em que já se fazia o alerta para os ataques à História. O historiador francês, que faleceu em 1977, não chegou a presenciar nosso ambiente turbulento, onde as Humanidades, além das outras ciências, são gravemente atacadas por discursos que tentam incessantemente substituir a lógica intelectual e acadêmica por pautas negacionistas e acrílicas, ou seja, ideias contrárias à divulgação de saberes sérios e embasados em dados, rigoroso padrão próprio do campo científico.

Particularmente no caso da realidade brasileira, parece-nos que essa fabricação de uma falsa história, tão propícia à formação de um cenário angustiante, desanimador e que, por vezes, traz a sensação de beirmos a distopia, ficou ainda mais nítida com a chegada e avanço da pandemia de Covid-19, que já ceifou milhares de vidas, além de ter permitido com que saltassem aos olhos as desigualdades sociais deste país de dimensões continentais. Sem contar, é claro, a incompetência de grupos políticos e de seus fiéis aliados, que desprezam a racionalidade e o pensamento plural e crítico, o que impossibilita um debate ético e cidadão. As questões de ordem política se misturam com problemas econômicos, sociais, de saúde pública e ambientais, uma vez que o ímpeto da lucratividade permite que se queira a qualquer custo “passar a boiada”¹, menosprezando a importância da natureza para uma vida ecologicamente equilibrada e para a construção de uma sociedade justa, além de se desprezar os vários e constantes sinais de que na natureza algo não caminha bem.

O desmatamento intensivo e desenfreado demonstra a inabilidade do ser humano em viver com a natureza sem destruí-la, o que acarreta a disseminação de doenças (a pandemia é um bom exemplo), a desregulagem nos níveis de temperatura global, alteração no ciclo das chuvas, acúmulo de poluição atmosférica (o dia tornou-se noite em São Paulo, em 2019), degradação dos recursos hídricos, entre tantos outros. Os diversos problemas ambientais recaem sobre um ponto muito importante da vida em sociedade: a justiça. A presença de um ambiente marcado pela degradação, pelo descaso dos

¹ A esse respeito, é importante conferir o texto de apresentação do dossiê escrito por Roger Domenech Colácios e Marcio Henrique Bertazi.

governantes em criar políticas públicas ambientais impedem que se atinja condição de igualdade social, em que as pessoas possam se livrar das amarras da miséria e da pobreza.

Já no que respeita à confecção deste exemplar, há de se dizer que a necessidade do isolamento social, que interrompeu o contato físico tão importante para a divulgação de conhecimento, como bem lembrou Peter Burke, nos impactou, porque foi preciso reorganizar a rotina com precisão e submergir com ainda maior profundidade nas telas e na instantaneidade do *on-line*, além de ter de enfrentar os problemas do cotidiano e as notícias difíceis. Mas isso, felizmente, não impossibilitou que continuássemos a desempenhar nossa função, cujo resultado é esse número que vem à luz.

É certo que isso só foi possível graças à dedicação e comprometimento de todo o conselho editorial da revista *Faces da História*, cujos integrantes, não se pode esquecer, são estudantes de Pós-graduação, que além de desenvolverem suas pesquisas em níveis de mestrado e doutorado, também se dedicam voluntariamente à minuciosa e difícil tarefa de editar uma revista científica; aos revisores e revisoras gramaticais (em língua inglesa e portuguesa), cuja atividade também é voluntária; aos coordenadores do dossiê, professores Roger Domenech Colácios e Marcio Henrique Bertazi; aos/às pareceristas de todas as seções, cujas avaliações às cegas permitiram que se mantivesse a apreciação rigorosa dos manuscritos, pilar imprescindível para a estruturação ética da ciência e também aos autores e autoras que escolheram encaminhar seus textos à *Faces da História* e que hoje têm a oportunidade de os verem publicados. Por fim, porém não menos importante, não poderíamos deixar de agradecer a você, leitor e leitora, quem se encontra em nosso horizonte e quem, justamente por isso, nos nutre de esperança para seguirmos com esse aprendizado.


Enquanto o discurso anti-intelectual reverbera com força na sociedade, continuamos a aprender com a edição de uma revista científica, cujos textos são comprometidos com o avanço da ciência histórica, uma vez que são frutos de pesquisas que proporcionam a reflexão e o avanço historiográfico e que objetivam instigar o público leitor a refletir de maneira densa sobre os mais diversos aspectos do passado. Tais elementos, não é excessivo lembrar, constituem-se em importantes recursos à formação de repertório de saberes críticos, que permitem com que nos posicionemos contra essa época em que “[...] somos convidados a um pensamento sedentário e ao esquecimento.” (CHAUI, 2006, p. 35).

Os editores e o conselho editorial da revista *Faces da História* dedicam este número aos/às 512.735 brasileiros e brasileiras que, até o fechamento deste editorial,


perderam suas vidas em virtude da Covid-19.² O agravamento da pandemia não pode ser esquecido, sobretudo porque houve negligência do poder público que não investiu na área da saúde, não apoiou medidas restritivas, o uso de proteções individuais, como a máscara, o isolamento social, além de não ter contribuído para a segurança econômica de seu povo. O número de mortes não pode ser tomado apenas como estatística, pois não se pode esquecer que cada uma dessas pessoas tinha família, amigos, amores e, portanto, uma história em potencial, que no futuro poderia ser contada nas páginas desta revista.

Boa Leitura!


Marcela dos Santos Alves

 <https://orcid.org/0000-0003-4972-386X>

Daniel Alves Azevedo

 <https://orcid.org/0000-0001-8133-3832>

João Lucas Poiani Trescentti

 <https://orcid.org/0000-0002-1801-6882>

Referências

BURKE, Peter. *O que é história do conhecimento?* Tradução Cláudia Freire. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

CHAUI, Marilena. Intelectual engajado: uma figura em extinção? *In*: NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 19-44.

MARROU, Henri. *Do conhecimento histórico*. Tradução Ruy Belo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

NOVAES, Adauto. Intelectuais em tempos de incerteza. *In*: NOVAES, Adauto. *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 07-18.

² Cf. dados disponíveis em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 26 jun. 2021.